

## **Intolerância, competição e desintegração: a busca de qualidade de vida na era da informação**

**Wilson Moura\***

Instituto de Psicologia da UERJ

### **Previsões, profecias e presságios**

Um costume muito esperado, ao final de cada ano, são as avaliações e prognósticos formulados pelas mais diversas pessoas sobre o futuro. Em se tratando, além do mais, de um ano que, entre outras características, simboliza o primeiro, de um novo século, de um novo milênio, a tentação é mais forte ainda, tendo em vista as possibilidades de se antever e de se formular algumas tendências para os tempos que virão. Entretanto, ao contrário do que acontece normalmente com as previsões amplamente divulgadas pela mídia, entendidas como verdadeiros presságios, o nosso propósito não é o de formular nenhuma profecia com relação ao futuro, mas, sim, identificar alguns aspectos significativos e, quem sabe, os possíveis desdobramentos. Em princípio, nada contra os profetas, a não ser a constatação de que suas predições resultam de seus dons especiais, seus pressentimentos, suas adivinhações, sendo, portanto, impossíveis de serem avaliadas ou acompanhadas por seres comuns, a não ser através da fé. A nossa proposta, muito mais modesta, é a de se avaliar os acontecimentos ocorridos no ano findo com o intuito de se refletir sobre as implicações subjacentes, nem sempre percebidas ou tratadas com a importância devida.

A ênfase, cada vez mais acentuada, na valorização dos aspectos objetivos da realidade, embora seja um traço positivo, dado que contribui para uma maior clareza e reduz a margem de charlatanismo das decisões, por outro lado conduzem quase sempre a análises superficiais. Isto se manifesta quando se procura impedir, pelo menos em tese, quaisquer ranços de subjetividade. É que se acaba por não considerar toda complexidade que nos envolve. Por isso mesmo, é preciso não só considerar todos os aspectos concretos causados pelos acontecimentos, sem deixar, contudo, de se empenhar devidamente no sentido de se identificar e de se refletir sobre as implicações, nem sempre tão visíveis da realidade.

O nosso propósito, portanto, é o de apontar para as grandes contradições, que às vezes se escondem por trás das grandes decisões, mesmo que aparentemente fundamentadas no senso comum.

### **A angústia simplificadora diante da complexidade do mundo**

Ainda sob o impacto do episódio de 11 de setembro, em Nova York, as controvérsias de opiniões sucedem-se, o que bem demonstra a importância do acontecimento. Apesar da diversidade de reações: o choque, a perplexidade, as perdas, o sofrimento, a revolta, passado os primeiros momentos de superexposição da mídia, um fenômeno bastante interessante a se registrar são as polêmicas surgidas em torno das interpretações que as pessoas fizeram e ainda fazem do mesmo evento. Isto só reforça a crença, em \* Publicado, originalmente, na Revista ABAMEC ANO 30, Nº 01, jan/fev 2002 que pese todos ansiamos por uma maior objetividade nas relações em sociedade, de que a realidade é muito mais subjetiva do que se imagina. Entre os que

consideram que o mundo não será mais o mesmo, os mais otimistas acreditam que o episódio, um grande susto, servirá de alerta e que, portanto, o mundo caminhará inexoravelmente para uma maior abertura e diálogo entre as nações, culturas, sociedades, rumo a uma melhor convivência entre os povos; já os mais pessimistas, antevêem um futuro muito mais incerto e ameaçador para a humanidade, diante do acirramento do clima de vingança e da adoção de posturas mais beligerantes e cristalizadas, dificultando, ainda mais, a difícil trajetória da convivência social entre os seres humanos. Quanto às opiniões dos que acreditam que o evento, conquanto impactante e abrangente, não será capaz de provocar maiores alterações na trajetória da convivência social de enfrentada pelas sociedades, também observam-se divergências. Os mais otimistas sugerem que o mundo, embora dê a impressão de caminhar para a sua autodestruição, há de encontrar no desenvolvimento da ciência e da tecnologia alguma forma de deter o processo de destruição em massa do planeta, cada vez mais iminente; já no outro pólo, os mais pessimistas, sustentam que nada de diferente aconteceu, já que preconceitos, intolerância, prepotência, violência, guerras, tudo isto representa uma constante no processo de civilização da espécie. Afinal, como já dizia Thomas Hobbes, o grande filósofo e pensador social - o homem é o lobo do homem...

Uma avaliação menos simplificadora das diferentes posições, acima mencionadas, podem surpreender, pois todas as razões invocadas são corretas e, ao mesmo tempo incompletas. Isto implica dizer que a verdade de uma afirmação não exclui nem invalida as demais. A questão é que nos sentimos tão pequenos e inseguros diante da vastidão de causas, influências e possibilidades, num mundo de difícil compreensão, que nos agarramos desesperadamente ao concreto, ao visível, ao maniqueísmo, a uma lógica binária. Tão acostumados estamos com as afirmações absolutas e excludentes, do tipo “é ou não é”, que nem nos damos conta de que a realidade é muito mais complexa, devido a multiplicidade e simultaneidade de eventos que se manifestam, no tempo e no espaço, à revelia de nossas limitações. Por isso mesmo, todos têm razão e, ao mesmo tempo, não têm razão, na medida em que assumem uma posição reducionista e simplificadora na tentativa de explicar o mundo, excluindo todas as demais possibilidades.

### **Crenças que se desmancham no ar**

Deixando de lado as paixões e as controvérsias, convido os leitores a uma reflexão sobre o evento, na certeza de que talvez seja possível extrair algumas pistas capazes de nos permitir um melhor posicionamento no esforço de compreender o seu alcance. Ao rever, como um filme, a seqüência dos acontecimentos: o atentado, o impacto, o antraz, o medo, a revolta, a revanche, a paranóia, a declaração de guerra mundial ao terrorismo, a perda de direitos civis, a suspeita e o ódio ao estrangeiro, a paranóia generalizada, lembro-me da célebre frase de Marx, título do livro de Marshall Berman (1982) - ‘Tudo que é sólido desmancha no ar...’ Não se trata, é bom que fique registrado, de nenhum chiste de mau gosto. O intuito é chamar a atenção para o fato de que a tragédia ainda não terminou. Ela encontra-se em desenvolvimento, já que as conseqüências não se restringem ao sofrimento e a dor de vítimas inocentes e indefesas diante do desmoronamento de torres de cimento e aço. Entretanto, para se perceber o alcance das conseqüências, é preciso que a gente se disponha a olhar

para os destroços de elementos, bem mais leves, quase invisíveis, mas fundamentais na convivência social – as crenças. Embora não sendo do domínio físico da matéria, elas também são capazes de se desmanchar, principalmente quando construídas de forma absoluta, dogmática, o que as torna muito pouco flexíveis...

A maioria dos americanos julgava o território americano muito seguro, imune, principalmente às manifestações de violência tão freqüentes no noticiário internacional.

Aliás, quantos de nós não sonhávamos em tornar o nosso país tão seguro quanto era aquele “oásis de segurança, num mundo cada vez mais violento”...Mas, eis que de repente tudo veio abaixo. E, por que motivo ? É que o medo e a insegurança são os grandes exterminadores das crenças. Quanto mais rígidas, inflexíveis, mais vulneráveis elas se tronam. É que basta um imprevisto, uma leve desconfiança para que elas, rapidamente percam a aparente solidez que insinuam possuir. Conforme afirma George Friedman, diretor-presidente da Stratfor, considerada a maior organização mundial de informações privada “ o mundo não está mais inseguro, após o ataque aos americanos. Mas, ficou a sensação de que podemos ser vítimas a qualquer hora...” (Veja, 12/12/01)

E, qual a reação observada ? O que foi feito depois da perplexidade inicial ? A vingança! Se meditarmos sobre a resposta, parece que prevaleceu a preocupação em restabelecer a crença inicial na invulnerabilidade. Afinal, é preciso punir os que ousaram duvidar de um pressuposto inquestionável – a superioridade/imunidade dos mais fortes.

### **Insegurança, verdade absoluta e fundamentalismo**

O termo fundamentalismo, em evidência após os ataques suicidas, amplamente noticiados pela mídia, na verdade representa historicamente um princípio hermenêutico ligado a interpretação do livro sagrado, conforme revela Humberto Eco (2000). Diz respeito ao empenho compartilhado por religiosos, a despeito das crenças, no sentido de interpretarem com a máxima fidelidade o livro sagrado, o verbo divino. Todavia, a popularidade do vocábulo somente acontece por ocasião da grande disputa entre protestantes americanos e leigos, no final do Séc. XIX com relação as divergências de interpretações entre a ciência e a bíblia. No entanto, a idéia de fundamentalismo, a despeito das religiões, refere-se sempre a necessidade de se manter incólume um texto, uma interpretação, princípios, normas, acontecimentos, enfim uma referência considerada original, por si só absoluta e, portanto, inquestionável.

O problema para a convivência social, contudo, começa a surgir, quando em nome da manutenção da pureza, persegue-se os que não a adotam, a desconhecem ou ousam divergir, podendo chegar, em alguns casos, a agressão pessoal, em outros, lastimavelmente, ao extermínio. Uma avaliação não religiosa para o fenômeno sugere, primeiramente, uma profunda necessidade dessas pessoas de encontrarem um ponto de sustentação para a sua compreensão do mundo. Algo absolutamente inquestionável no qual possam acreditar indefinidamente. À semelhança do que ocorre

com alguém que após sofrer muito diante de tantas incertezas procura um absoluto que lhe sirva de referência. E, após encontrá-lo, passa a defendê-lo obsessivamente.

Deste modo, qualquer manifestação contrária passa a ser vista como ameaça, devendo, portanto, ser eliminada. Por essas razões os estudiosos do fenômeno entendem que a origem das distorções e descalabros encontra-se nos medos, ansiedades e desejos (Armstrong, 2001). Até agora, analisamos o fenômeno sob a ótica da religiosidade, entretanto, não é difícil encontrá-lo na ciência, na política ou no cidadão comum que luta em defesa da moralidade. O que caracteriza as atitudes fundamentalistas é a intolerância frente ao diferente, a demonização de quem ousa divergir, daí a necessidade de exterminá-lo, pois representa uma ameaça. Tais comportamentos só refletem os profundos sentimentos de insegurança de quem os exibem, já que o encontro com o divergente o enfraquece, pois expõem as incertezas do mundo. Por isso mesmo, a necessidade de conviver em seitas, grupos homogêneos nos quais todos compartilham e se reforçam mutuamente, no culto das crenças absolutas.

### **Intolerância, terrorismo e exclusão social**

Em que pese a tolerância seja uma das virtudes humanas mais decantadas, a história tem demonstrado que são raros os exemplos, se é que existiram, da aceitação plena das diferenças e divergências entre os homens. No âmbito da convivência religiosa, então, a intolerância parece ser a tônica. As perseguições promovidas pelo império romano aos cristãos, a inversão na idade média, através da perseguição de cristãos aos muçulmanos (as cruzadas) e aos judeus (inquisição), a difícil convivência dentro do próprio cristianismo entre católicos e protestantes, a intolerância mútua entre judeus e muçulmanos, sem falar da antiga perseguições ao espiritismo, aos adeptos dos diferentes cultos afro e a perseguição implacável aos cultos indígenas, considerados todos, cultos pagãos.

Pelo rápido panorama traçado fica mais do que evidente a incapacidade humana de conviver com crenças religiosas distintas. O ecumenismo religioso, ainda que tão alardeado, não passa de uma utopia, porque o que se verifica até o presente é não só “a não aceitação de outras crenças religiosas distintas”, como a necessidade de eliminar os que professam cultos distintos.

E como se não bastasse a eliminação, é preciso fazê-lo de modo a disseminar o medo, o pânico, de forma a desencorajar não só os que praticam, mas os que por ventura venham a se interessar. A mensagem deve ser enfática: todos que ousem professar tal culto, estarão amaldiçoados e, como tal, serão eliminados. O terrorismo, como se pode ver, além do propósito de excluir os diferentes, pretende difundir o medo, a paranóia, de forma a evitar a reprodução e a sobrevivência dos endemoninhados.

Ora, como bem relembra o famoso historiador francês Jacques Le Goff (2000), a intolerância não se manifesta tão somente no campo religioso, porquanto ao longo do tempo a intolerância se manifestou contra todos os que foram considerados possuídos. Leprosos, homossexuais, doentes mentais, foram considerados, em

alguma época, seres impuros devendo, portanto, serem excluídos a fim de não contaminarem os demais cidadãos.

Como se pode inferir, o terrorismo representa o grau mais elevado de intolerância que desemboca numa única alternativa – a exclusão e total eliminação do outro e de seus possíveis substitutos.

O que merece, todavia, toda a atenção é o fato de que normalmente se confere ao terrorista uma condição de desequilíbrio, doença, desatino, como se fosse um ser fora dos padrões normais, como se esse “estado “ não fizesse parte do universo cognitivo de todos nós. Da mesma maneira como a tolerância parece algo a ser desenvolvido, compartilhado, exercitado continuamente, o mesmo ocorre com a intolerância. E, ao que tudo indica, vivemos num mundo em que o exercício da intolerância é cultivado, estimulado, reforçado, dia a dia, independente do lugar, nível socioeconômico, atividade profissional, grau de escolaridade, culto religioso.

Na ânsia muitas vezes de se conquistar um lugar no mercado, não se poupa energia e esforço no sentido de se superar, e se possível eliminar, de preferência para sempre, o concorrente, o competidor. Tão preocupados estamos em sobreviver, em vencer na vida, em conquistar um lugar no mercado de trabalho que nem nos damos conta de nossas ações, por vezes muito mais terroristas do que imaginamos.

### **A Guerra ao Terrorismo : a globalização da paranóia**

Em princípio parece inquestionável o direito que todos os cidadãos têm, independente de credo, status, cor, ideologia política, nível socioeconômico, de se defenderem da violência, utilizando, até de violência. Aliás, esta é uma crença tão difundida que consta inclusive, na Declaração Universal dos Direitos Humanos (UNESCO, 1975). Entretanto, em se tratando de terrorismo religioso, considerado um recurso extremo de purificação do mundo, não se pode deixar de considerar as crenças absolutas que o sustentam. Os fundamentalistas encaram o terrorismo como se fora uma missão “uma guerra cósmica entre as forças do bem e do mal” ( Armstrong, 2001). Por outro lado, os que foram ou continuam sendo vítimas do terrorismo, a convicção de que a única alternativa é a resposta na mesma moeda, e de preferência a mais intensa possível, de forma a dissuadir o prosseguimento de futuras ações.

Deste modo, o que se observa é que ambos fenômenos, terrorismo ou contraterrorismo, constituem-se de idênticos conteúdos de ações funestas, não obstante para os seus respectivos agentes sejam plenamente justificáveis em si.

Ao refletir-se, contudo, sobre a proposta de uma “ Guerra Universal ao Terrorismo” elaborada pelos Estados Unidos, com o apoio de diversas nações, não se pode deixar de se reconhecer um certo “non-sense”, no mínimo uma incongruência. Afinal uma guerra, quaisquer que sejam as razões, não passa de terrorismo organizado. Logo, uma “guerra ao terrorismo” significa “combater o terrorismo com terrorismo”...

Entrementes, não se pode desconhecer que o desenvolvimento tecnológico atingido pelas sociedades vem mexendo com a dimensão espaço/tempo e, conseqüentemente, com as noções de território, e do que está próximo ou longe. Os eventos, os

acontecimentos, são percebidos, na sua produção e apreensão simultâneas, como sustenta Zygmunt Baumann (1999), sociólogo polonês, estudioso do fenômeno globalização, como sendo - desterritorializados ( sem raízes, estando em todos lugares, ao mesmo tempo, próximo de cada observador). As organizações transnacionais, as marcas universais alcançados por determinados produtos, as videoconferências, as reportagens via satélite, a comunicação via internet, são exemplos desse mundo, no qual os eventos, decisões, catástrofes, os perigos, as emoções, os prazeres, as ameaças, os medos são cada vez mais simultâneos, genéricos e compartilhados.

Passado os momentos iniciais, eis que a Guerra ao terrorismo, ganha uma nova dimensão. O evento desencadeador não é mais percebido como um ato isolado, mas como a ponta do iceberg de uma grande conspiração global. A imagem de um mundo extremamente perigoso, principalmente devido a presença de fanáticos - invisíveis, traiçoeiros e sorrateiros - se dissemina.

Ninguém está seguro, enquanto existir um único terrorista vivo ou solto. Este não tem rosto, fora de seu hábitat comporta-se aparentemente de uma maneira idêntica a qualquer um de nós.

De tudo isso que se viu e que ainda está em andamento, pode-se inferir que o mundo globalizado, encontra-se cada vez mais unido, infelizmente pelo medo do outro. A paranóia está solta, e cada vez mais se propaga, justificando e legitimando a perda dos direitos individuais. O direito à privacidade, a não se meter na vida no outro, parece em extinção... E , quais os desdobramentos ?

Parece que o cenário ainda mais se complica. É que por se sentir cada vez menos desprotegido, especialmente em relação ao estado, o cidadão tende, cada vez mais : a se afastar, a se encasular, a se desvencilhar dos vínculos, a desconhecer os compromissos para com o outro, enfim, à desintegração social..

### **Informação, competição e qualidade de vida**

Nunca foi tão fácil informar-se. Tantas são as informações à disposição de um cidadão comum que muitos chegam até sofrer uma espécie "paralisia" , uma crise aguda de insegurança. São tantas as informações que alguns até nem conseguem decidir. Não é à-toa que todos acreditam que estamos na era da informação. Entretanto, um outro fenômeno também chama a atenção. Ao mesmo tempo em que cresce o volume de informações disponíveis, aumenta o nível de competição entre as pessoas e grupos humanos. Pelo menos neste aspecto parece existir uma concordância generalizada : a concorrência acirrada, a competição implacável, é o traço marcante da sobrevivência no mundo atual.

Para alguns, as razões encontram-se na disponibilidade e no nivelamento proporcionado pela tecnologia. O que faz a diferença, então, seria a disposição para competir, na verdade, a competência. A disposição, a garra, enfim a capacidade de superar, de vencer, de excluir.

Se pararmos um pouco para meditar sobre esta evidência, não se pode deixar de sentir algum desconforto. Um primeiro ponto a se ponderar – o que a gente tem a ver com essa competitividade ? A resposta, talvez para a maioria, seria - nada que possamos fazer, a não ser nos adaptar. As justificativas são várias : os princípios da seleção natural, preconizado por Darwin, o aumento da densidade demográfica e a conseqüente liberação de forças em condição de confinamento de espaço ou, ainda, a luta pela escassez de recursos. De qualquer modo é fácil constatar que fenômeno encontra-se “naturalizado”. Ele é entendido como se fosse condição da natureza , como o são, por exemplo: o pôr do sol, o envelhecimento, as marés. O mundo, simplesmente, é assim.

Entretanto é difícil aceitar, sem alguma contestação tal pressuposto. É só observarmos com mais cuidado as pessoas em competição. Quem está competindo tende a ver o outro como inimigo, a quem deve derrotar e, em situação extrema, eliminar. Mas, então, como se obter a cooperação, condição sine qua non para a convivência social harmoniosa e eficaz ?

Talvez aí se encontre a raiz de todos os obstáculos enfrentados pelas diversas formas de associatividade, base da vida em sociedade. O estímulo cada vez mais intenso na competitividade, considerado o motor do desenvolvimento social. No caso das organizações sociais de produção pode-se afirmar, sem receio, que a competição, tanto no âmbito interno ou externo, representa para muitas delas a própria razão de ser, o objetivo último. E as seqüelas, não se pode esquecer, infelizmente aumentam com o passar do tempo. Estresses, cardiopatias, úlceras, crises emocionais, envelhecimento precoce, são alguns registros, dos mais freqüentes, no mundo atual. E, por causa disso, a preocupação com a qualidade de vida acentua-se. A idéia de bem-estar, de realização plena das múltiplas potencialidades humanas, incorpora-se como agenda do futuro. A saúde, de repente, diante do aumento da esperança de vida, passa a condição de bem mais precioso. A longevidade somente se justifica, na medida em que se possa aproveitar a vida, usufruindo-a por intermédio de uma plena manifestação de todas as nossas potencialidades. Em outras palavras, uma vida capaz de ser vivida com um mínimo de qualidade, o que corresponde a garantia de condições que assegurem a livre afirmação das múltiplas potencialidades de que cada ser humano é dotado.

Mas, eis que de repente, retorna à mente a imagem anterior do mundo competitivo. Como alcançar a qualidade de vida num mundo de vencedores e de excluídos. Será que a qualidade de vida será algo a ser conquistado somente pelos mais competentes, excluindo-se os demais que não têm força, informações, qualificação, para competir ? E o que será, ainda, dos competentes ? Será que depois de todo o esforço, de todo o empenho, de todo desgaste, de todo estresse, ainda restará vida para ser vivida com qualidade numa longa trajetória de longevidade ?

## **Da era da informação à era do conhecimento : uma longa e difícil**

### **trajetória**

O nível de desenvolvimento tecnológico alcançado pela humanidade, tem proporcionado, sem dúvida, uma melhoria fantástica das condições de vida material das sociedades, a não ser, infelizmente, para os excluídos. A automação e a informatização dos processos de produção, não só vem diminuindo a necessidade de esforço físico, como contribuindo para o acesso continuado e uma ampla circulação de informações. Entretanto, nem sempre a facilidade com que se obtém informações propicia uma correspondente clareza perceptiva. Aliás, com o tempo aprendemos que não necessariamente uma pessoa bem informada age com sabedoria. A questão crucial, não é de acesso, nem de processamento, mas, sim, do uso que se faz da informação.

Por incrível que pareça há uma grande diferença entre uma pessoa bem informada e uma pessoa bem esclarecida. Parece retórica, mas a sentença esconde muita realidade. Mas, onde, então, se situa o problema? Nas crenças!

A questão repousa no grau de abertura ou de rigidez de nossa percepção, causado em muito pela capacidade de suportar ou não os medos e as ansiedades causadas pelas incertezas e dúvidas perante o mundo. Em primeiro lugar, é importante atentar-se para o fato de que o sentido da informação não se encontra fora, mas, sim, dentro de nós. A idéia de que captamos aleatoriamente uma informação, decodificando-a para, a seguir, extrair o segredo nela contida é interessante, romântica, mas pouco elucidativa. As informações existem, por certo, fora, independentes e descompromissadas de todos nós, seres humanos, pois estão relacionadas à complexidade do mundo. São as nossas crenças, entretanto, que nos levam a selecionar, interpretar, enfim, a dar sentido a cada uma delas. Ora, quanto mais nos abrimos para o mundo, participando de sua imensidão, de suas incertezas, enfim, de sua complexidade, mais as nossas crenças se flexibilizam, menos absolutas se tornam. Por conseguinte, mais informações captamos, mais incertos são os sentidos que formulamos, maiores são as dúvidas acumuladas, mais vulneráveis ficam as nossas crenças, mais tolerantes ficamos, mais angústia vivenciamos, menos preconceitos cultivamos.

O contrário é o fechamento num mundo de certezas e de crenças absolutas, onde todas as informações são selecionadas e interpretadas para justificar a sua irrefutabilidade, daí a necessidade, cada vez maior, de perpetuá-las.

A saída para a convivência social mais harmoniosa, como já disse Juergen Habermas (1982), encontra-se no conhecimento, o único instrumento de emancipação do homem. É, todavia, a emancipação pelo conhecimento, um longo processo de libertação das amarras impostas por crenças que impedem que nos abramos para a complexidade do mundo. Por isso mesmo, o conhecimento dogmático, mesmo que seja apresentado como científico, significa fechamento, já que não dá conta das incertezas humanas.

O desenvolvimento tecnológico, bem sabemos, representa um avanço enorme no sentido de permitir uma democratização, cada vez maior, das informações existentes. Contudo, também reconhecemos a necessidade de superar esse estágio de forma a atingirmos, quem sabe, a era do conhecimento. E, neste particular, as dificuldades não só aumentam, como se inscrevem em outro nível - o da subjetividade decorrente das nossas incertezas, dúvidas e inseguranças. Daí, a trajetória da democratização requerer outros investimentos, especialmente no que diz respeito a uma convivência social menos atemorizante, mais tolerante, menos excludente.

### **A condição humana, o medo e a qualidade de vida**

Um dos grandes paradoxos do homem, diz Hannah Arendt (1975) é o isolamento no qual se encontra, o que significa não ter no mundo um lugar reconhecido e garantido pelo outro. Daí o mal-estar, o sentimento de desproteção e abandono. Sentir-se supérfluo e descartável representa a sensação de não pertencer ao mundo, não ter raízes. A ação conjunta, é o ponto de partida para abandonarmos o nosso isolamento, este processo de desenraizamento, a que nos encontramos relegados. Viver a situação de “nós” é dos mais importantes elementos de vinculação, entretanto faz-se necessário que a gente se aproxime, que a gente confie, que a gente invista no outro.

As sociedades se estruturam, se desenvolvem, se fortalecem pela capacidade de seus integrantes de um fazer coletivo, o que quer dizer que foram capazes de criar condições de neutralizarem, ao mínimo, o medo do outro, o que permite a cooperação.

O isolamento é o que nos resta diante do medo, de nossas inseguranças, o que representa a desintegração e enfraquecimento dos grupos humanos.

O elemento competição, é bom que se esclareça, não deve ser entendido como o responsável em si pelo medo existencial do ser humano. As suas origens, ao que se imagina, são mais profundas. Entretanto, o que deve se destacar é que o estímulo a competição num mundo nas quais as principais características humanas são execradas, que o homem é idealizado, que a intolerância para com os fracos e incompetentes, aumenta a todo instante, que a violência se apresenta como inevitável, que a exclusão se manifesta nas mais variadas situações, só faz aumentar o desenraizamento do homem.

A alternativa para esse quadro, nada animador, encontra-se, mais uma vez no conhecimento, na educação. Conhecer a condição humana, aprender a conviver com as nossas limitações, ambigüidades, fragilidades.

O primeiro passo a se aprender sobre a condição humana é meditar sobre o que Edgar Morin (2001) sugere como lembrete que devemos sempre ter em mente : “o ser humano é um minúsculo ser entre bilhões de seres parecidos, localizado num ínfimo 3o. planeta, de um sol periférico, de uma galáxia periférica, de um gigantesco universo...”

Diante desta constatação, parecem mais do que óbvios que os nossos medos, angústias, inseguranças, se devem, em muito, a um sentimento por demais profundo – a nossa insignificância.

Logo, a possibilidade de conviver, de viver com os outros, de compartilhar com os outros os desafios daquilo que é o nosso maior bem – a vida – será a única alternativa. Somente através da integração poderemos nos fortalecer o suficiente para aceitar melhor as nossas inseguranças e, logo, assumir inteiramente e lidar mais objetivamente com a condição humana. Resta, no entanto, vencer o medo do outro...

Entretanto, para abandonar as atitudes de eterna defesa contra o outro, responsável pelo processo continuado de encasulamento, é preciso desanuviar as ameaças, o reforço da competição, a exclusão, o fundamentalismo de crenças, a intolerância.

Chegamos, então, ao sentido de qualidade de vida que deve ser o ideal a se atingir. Assegurar aos seres humanos, que tiveram o privilégio da vida, compartilhar uns com os outros o desafio de se realizar ao longo de suas vidas.

Evidentemente, que esse ideal transcende aos princípios, atualmente vigentes, de se garantir a qualidade de vida aos mais competentes...

### **Conclusão**

A pretexto de falar de previsões, escolhemos um assunto bastante atual , talvez com atrativo suficiente para mobilizar e manter a atenção do leitor.

Contudo, a questão que se pretendeu relevante foi a de propiciar uma reflexão sobre os medos do homem e a sua busca incessante de um lugar seguro, inquestionável e aplacador de suas angústias existenciais, por não suportar as suas limitações. As implicações sinistras capazes de serem provocadas pelos homens que encontraram a verdade absoluta, a que exclui totalmente as demais, deve ser uma preocupação de todos. Isto se manifesta, é bom que não esqueçamos, em todos os níveis da convivência social : em casa, no trabalho, na política, na ciência, na religião, nos mais diversos empreendimentos sociais. Além disso, faz-se necessário, acentuar, todas as implicações decorrentes da camuflagem dos interesses. A tendência a esconder os verdadeiros interesses sob a capa da naturalização do mundo, como é o caso freqüente de se considerar a competição como uma condição da existência da espécie. Não estamos aqui interessados em refutar o mérito dos princípios da seleção natural, fartamente documentados desde as descobertas de Darwin. O propósito, bem mais modesto, é o de dar relevo às seqüelas decorrentes dos investimentos na competição, da qual a guerra representa o mais alto grau.

Permanece, no entanto, um grande dilema, ao que tudo indica essencial. É como investir na cooperação e na integração social, condição indispensável a garantia de qualidade de vida, num mundo, que não só valoriza como cultua a competição ?

Bem, para encerrar, é bom esclarecer que alguns pontos, julgados interessantes, foram aqui levemente abordados, o que, não obstante a leveza da meditação desenvolvida, não impede que possa vir a suscitar, quem sabe, um desejo nos leitores de aprofundar a reflexão.

As perspectivas aqui traçadas podem parecer, a princípio, sombrias. Entretanto, acredito que nada seja imutável, absoluto em si mesmo. As transformações contínuas,

a capacidade do homem aprender com os seus erros e acertos, a aceitação das condições humanas, podem alternativas.

Quanto a mim as propostas se encaminham junto com as incertezas. O que fazer, afinal somos como dizia Nietzsche “demasiadamente humano..” Quanto às previsões, um convite aos leitores para que as façam.

E que as nossas crenças se flexibilizem, cada vez mais, são os meus sinceros e ardentes votos...

### **Referências Bibliográficas :**

ARENDDT, H. Da Condição Humana. Rio de Janeiro : Forense, 1975

ARMSTRONG, K. Em nome de Deus: o fundamentalismo no judaísmo, no Cristianismo e no islamismo. São Paulo : Cia das Letras, 2001

RAMOS, M. Entrevista de George Friedman . Em VEJA , São Paulo : Ed. Abril, Ano 34, nº 49, 12/12/2001, 2001.

BAUMAN, Z. Globalização : as conseqüências humanas. Rio de Janeiro : Jorge Zahar, 1999

BERMAN, M. Tudo que é sólido desmancha no ar : a aventura da Modernidade. São Paulo : Cia. das Letras, 1986

BROCCHIERI, G..S . “ Robert JUNGK, o homem do milênio”. Em Masi, Domenico. A sociedade Pós-Industrial, São Paulo, Ed. SENAC, 2000

ECO, H. Definições Léxicas, In Caderno das Idéias, JB, 26/08/2000

LE GOFF, J. As raízes medievais. I Caderno Idéias, JB, 26/08/2000

MORIN, E. Introdução . Morin, E, (org) A Religação dos Saberes : o desafio do Sec. XXI , Rio de Janeiro : Bertrand do Brasil, 2001.

HABERMAS, J. Conhecimento e Interesse. Rio de Janeiro: Zahar. 1982

UNESCO - DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS HUMANOS –Resolução 11.1 de novembro de 1975

\* Doutor em Psicologia Social e Professor do Instituto de Psicologia da UERJ -

e-mail:wmoura@uerj.br